

Obras completas do PADRE ANTONIO VIEIRA

SERMÕES

VOLUME XII

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prêgador, ou S. Paulo ou Vieira.

D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga



TOMBO... : 32763



SBD-FFLCH-USP

1951

LELLO & IRMAO — EDITORES
144, Rua das Carmelitas — PORTO
AILLAUD & LELLOS, LIMITADA
Rua do Carmo, 80 a 84 — LISBOA

ARTES GRÁFICAS — PORTO

até o fim, como os demais. Isto pois que elle não soube fazer, é o meio que devem tomar todos os que reconhecidos da sua fraqueza e inconstancia, temem que depois de alcançada a graça lhes falte a perseverança n'ella. Maravilhosa coisa foi, que caminhando os filhos de Israel quarenta annos por um deserto, secco, esteril e falto de agua, uma pedra do mesmo deserto lhes supprisse esta falta até entrarem na Terra da Promissão. E que agua, e que pedra do deserto é esta? A agua disse Christo á Samaritana, que era a graça: a pedra do deserto diz o prop' eta Isaias, que é a Virgem Maria: *Emitte agnum, Domine, dominatorem terræ, de Petra deserti.* ¹ Se queremos pois chegar á Terra de Promissão de Gloria, e tememos, que a agua da graça perseverante nos falte, recorramos á fecundissima pedra, de que nasceu a fonte da mesma graça, e recorramos com firme e certa confiança, que assim como na pastora devota do Rosario suppriu a mesma Senhora tudo o que lhe faltava para esta vida e para a outra; assim supprirá em nós por meio do mesmo Rosário, tudo o que nos fôr conveniente para a vida temporal, e necessario para a eterna. Onde com perpetuos louvores da Mãe e do Filho, lhe cantemos sem fim, o que a voz do Evangelho entoou no principio: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ sucxisti.*

¹ *Isai., xvi, 1*

SERMÃO VIGESIMO SETIMO

Josias autem genuit Jechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babylonis. Et post transmigrationem Babylonis, Jechonias genuit Salathiel. ¹

¶

Uma das grandes coisas que se vê hoje no mundo, e nós pelo costume de cada dia não admiramos, é a transmigração immensa de gentes e nações ethiopes, que da Africa continuamente estão passando a esta America. A armada de Enéas, disse o principe dos poetas, que levava Troya a Italia: *Illiū in Italiam portans*: e das naus, que dos portos do Mar Atlantico estão successivamente entrando n'estes nossos, com maior razão podemos dizer, que trazem a Ethiopia ao Brazil. Entra por esta barra um cardume monstruoso de baleias, salvando com tiros e fumos de agua as nossas fortalezas, e cada uma pare um baleato: entra uma nau de Angola, e desova no mesmo dia quinhentos, seiscentos e talvez mil escravos. Os Israelitas atravessaram o Mar Vermelho, e passaram da Africa á Asia, fugindo do captiveiro; estes atravessam o mar Oceano na sua maior largura, e passam da mesma Africa á America para viver e morrer captivos. *Infelix genus hominum* (disse bem d'elles Mafféo) *et ad servitutem natum.* Os outros nascem para viver, estes para servir. Nas outras terras do que aram os homens, e do que fiam e tecem as mulheres, se fazem os commercios: n'aquella o que geram os pais e o que criam a seus peitos as mães, é o que se vende, e se compra. Oh trato deshumano, em que a mercancia são ho-

¹ *Math., i.*

mens ! Oh mercancia diabolica, em que os interesses se tiram das almas alheias, e os riscos das proprias !

Já se depois de chegados olharmos para estes miseraveis, e para os que se chamam seus senhores : o que se viu nos dois estados de Job, é o que aqui representa a fortuna, pondo juntas a felicidade e a miseria ão mesmo theatro. Os senhores poucos, e os escravos muitos ; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus ; os senhores banqueteados, os escravos perecendo á fome ; os senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros ; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como Deuses ; os senhores em pé apontando para o açoite, como estatuas da soberba e da tyrannia, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás como imagens vilissimas da servidão, e espectaculos da extrema miseria. Oh Deus ! Quantas graças devemos á fé, que nos destes, porque ella só nos captiva o entendimento, para que á vista d'estas desigualdades, reconheçamos comtudo vossa justiça e providencia. Estes homens não são filhos do mesmo Adão e da mesma Eva ? Estas almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo Christo ? Estes corpos não nascem e morrem, como os nossos ? Não respiram com o mesmo ar ? Não os cobre o mesmo céu ? Não os aquece o mesmo sol ? Que estrella é logo aquella que os domina, tão triste, tão inimiga, tão cruel ?

E se as influencias da sua estrella são tão contrarias e nocivas, como se não communicam ao menos aos trabalhos de suas mãos, e como maldição de Adão, ás terras que cultivam ? Quem pudera cuidar que as plantas regadas com tanto sangue innocente houvessem de medrar, nem crescer e não produzir, senão espinhos e abrolhos ? Mas são tão copiosas as benções de doçura, que sobre ellas derrama o céu ; que as mesmas plantas são o fructo, e o fructo tão precioso, abundante e suave, que elle só carrega grandes frotas, elle enriquece de thesouros o Brazil, e enche de delicias o mundo. Algum grande mysterio se encerra logo n'esta transmigração :

e mais se notarmos ser tão singularmente favorecida e assistida de Deus, que não havendo em todo o Oceano navegação sem perigo e contrariedade de ventos, só a que tira de suas patrias a estas gentes e as traz ao exercicio do captiveiro, é sempre com vento á popa, e sem mudar vela.

Estas são as considerações que eu faço, e era bem que fizessem todos, sobre os juizos occultos d'esta tão notavel transmigração, e seus effeitos. Não ha escravo no Brazil, e mais quando vejo os mais miseraveis, que não seja materia para mim de uma profunda meditação. Comparo o presente com o futuro, o tempo com a eternidade, o que vejo com o que creio, e não posso entender, que Deus que creou estes homens tanto á sua imagem e semelhança, como os demais, os predestinasse para dois infernos um n'esta vida, outro na outra. Mas quando hoje os vejo tão devotos e festivaes diante dos altares da Senhora do Rosario, todos irmãos entre si, como filhos da mesma Senhora ; já me persuado sem duvida, que o captiveiro da primeira transmigração é ordenado por sua misericórdia para a liberdade da segunda.

De duas transmigrações faz menção o nosso Evangelho : uma em que foram levados os filhos de Israel da sua patria para o captiveiro de Babylonia : *In transmigracionem Babylonis* : ¹ e outra, em que foram trazidos do captiveiro de Babylonia para a sua patria : *Et post transmigracionem Babylonis*. ² A primeira transmigração, e do captiveiro, durou setenta annos : a segunda, e da liberdade, não teve fim, porque chegou até Christo. E como ordenou Deus a primeira transmigração para a segunda ? Assim como ordenou que de Josias nascesse Jeconias : *Josias autem genuit Jechoniam, et fratres ejus*. ³ Em todo este Evangelho, quando elle historialmente diz, que um patriarcha gerou outro patriarcha,

¹ Math., 1, 2.

² Ibid.

³ Ibid., 6.

quer dizer no sentido mystico, que da significação do nome do pai nasceu a significação do nome do filho. Baste por exemplo o primeiro, que se nomeia no mesmo Evangelho, que é David. David, diz a serie das mesmas gerações, que gerou a Salomão : *David autem Rex genuit Salomionem.*¹ E que quer dizer, que David gerou a Salomão? David significa o guerreiro, Salomão significa o pacifico : e nascer Salomão de David, quer dizer, que da guerra havia de nascer a paz : e assim foi. Do mesmo modo diz o Evangelho, que Josias gerou a Jeconias no captiveiro de Babilonia : *Josias autem genuit Jechoniam in transmigracione Babylonis.* Saibamos agora qual é a significação d'estes dois nomes, Josias do pai, e Jeconias do filho. Josias significa, *Ignis Domini*, o fogo de Deus : Jeconias significa, *Præparatio Domini*, a preparação de Deus. Diz pois o Texto, ou quer dizer, que na transmigração de Babilonia o fogo de Deus gerou a preparação de Deus. Porque? Porque o fogo queima e alumia : e no captiveiro de Babilonia, não só queimou Deus e castigou os Israelitas, mas tambem os alumiou : e porque os castigou e alumiou no captiveiro da primeira transmigração : *In transmigracione Babylonis* : por isso, e com isso, os dispoz e preparou para a liberdade da segunda : *Et post transmigracionem Babylonis.*

Eis aqui, irmãos do Rosario pretos (que só em vós se verificam estas significações) eis aqui o vosso presente estado, e a esperança que elle vos dá do futuro : *Josias autem genuit Jechoniam et fratres ejus.* Vós sois os irmãos da preparação de Deus, e os filhos do fogo de Deus. Filhos do fogo de Deus na transmigração presente do captiveiro, porque o fogo de Deus n'este estado vos imprimiu a marca de captivos : e posto que esta seja de oppressão, tambem como fogo vos alumiou juntamente, porque vos trouxe á luz da fé, e conhecimento dos mysterios de Christo, que são os que professaes no Rosario. Mas n'este mesmo estado da primeira

¹ *Math.*, 1, 6.

transmigração, que é a do captiveiro temporal, vos estão Deus, e sua Santissima Mãe, dispondo e preparando para a segunda transmigração, que é a da liberdade eterna. Isto é o que vos hei-de prègar hoje para vossa consolação. E reduzido a poucas palavras, será este o meu assumpto : que a vossa irmandade da Senhora do Rosario vos promette a todos uma carta de alforria : com que não só gozeis a liberdade eterna na segunda transmigração da outra vida ; mas tambem vos livres n'esta do maior captiveiro da primeira. Em logar das alviçaras, que vos devera pedir por esta boa nova, vos peço me ajudeis a alcançar a graça com que vos possa persuadir a verdade d'ella.

Ave Maria, etc.

II

Emquanto desterrados filhos de Eva, todos temos, ou nos espera uma universal transmigração, que é de Babilonia para Jerusalém, e do desterro d'este mundo para a patria do céu. Vós porém que viestes, ou fostes trazidos das vossas patrias para estes desterrados ; além da segunda e universal transmigração, tendes outra, que é a de Babilonia, em que mais ou menos moderada, continuaes o vosso captiveiro. E para que saibaes como vos deveis portar n'elle, e não sejaes vós mesmos os que o acrescenteis ; vos quero, primeiro que tudo, explicar qual elle é, e em que consiste. Procurarei que seja com tal clareza, que todos me entendaes. Mas quando assim não succeda (porque a materia pede maior capacidade da que podeis ter todos) ao menos, como dizia Santo Agostinho na vossa Africa, contentar-me-hei que me entendam vossos senhores e senhoras : para que elles mais devagar vos ensinem, o que a vós e tambem a elles muito importa saber.

Sabei pois, todos os que sois chamados escravos, que não é escravo tudo o que sois. Todo o homem é composto de corpo e alma ; mas o que é e se chama

escravo, não é todo o homem, senão só metade d'elle. Até os gentios que tinham pouco conhecimento das almas, conheceram esta verdade e fizeram esta distincção. Homero, referido por Clemente Alexandrino, diz assim: *Altitonans Jupiter viro, quem alii servire necesse est, aufert dimidium.* ¹ Quer dizer, que aquelles homens a quem Jupiter fez escravos, os partiu pelo meio e não lhes deixou mais que uma metade que fôsse sua; porque a outra metade é do senhor a quem servem. E qual é esta metade escrava e que tem senhor, ao qual é obrigada a servir? Não ha duvida que é a metade mais vil, o corpo. Excellentemente Seneca: *Errat, si quis existimat servitutem in totum hominem descendere: pars melior excepta est.* ² Quem cuida que o que se chama escravo, é o homem todo, erra e não sabe o que diz: a melhor parte do homem, que é a alma, é isenta de todo o dominio alheio, e não pôde ser captiva. O corpo, e sómente o corpo, sim: *Corpus itaque est, quod domino fortuna tradidit. Hoc emit, hoc vendit: interior illa pars mancipio dari non potest.* Só o corpo do escravo (diz o grande Philosopho) é o que deu a fortuna ao senhor: este comprou, e este é o que pôde vender. E nota sapientissimamente, que o dominio que tem sobre o corpo, não lh'o deu a natureza senão a fortuna: *Quod domino fortuna tradidit;* porque a natureza como mãe, desde o rei ao escravo, a todos fez iguaes, a todos livres. Fallando S. Paulo dos escravos e com escravos, diz que obedeam aos senhores carnaes: *Obedite dominis carnalibus.* ³ E que senhores carnaes são estes? Todos os Interpretes declaram, que são os senhores temporaes como os vossos, aos quaes servis por todo o tempo da vida: e chama-lhe o Apostolo senhores carnaes: porque o escravo, como qualquer outro homem, é composto de carne e espirito, e o dominio do senhor sobre o escravo

¹ Hom. Clem. Alex. Strom. libr. 6.^o.
² Sen. libr. 3.^o de Benef. cap. 2.^o.
³ Eph., vi, 5.

só tem jurisdição sobre a carne, que é o corpo, e não, se estende ao espirito, que é a alma.

Esta é a razão por que os escravos entre os Gregos se chamavam corpos. Assim o refere Santo Epiphânio, e que o uso commum de fallar entre elles era, não que tal ou tal senhor, tinha tantos escravos, senão que tinha tantos corpos. O mesmo diz Seneca, que se usava entre os Romanos. E é erudição que elle ensina a seu discipulo Lucilio: porque ainda que a noticia dos vocabulos é de todos, saber a origem d'elles é só dos que sabem as coisas e mais as causas: *Quando quidem dominium corporibus dominatur, et non animis, propterea servos corpora vocaverunt, ut usum corporum ostenderent.* ¹ Sabes, Lucilio, por que os nossos maiores chamaram aos escravos corpos? Porque o dominio de um homem sobre outro homem só pôde ser no corpo e não na alma. Mas não é necessario ir tão longe como a Roma e á Grecia. Pergunto: n'este vosso mesmo Brazil quando quereis dizer que fulano tem muitos ou poucos escravos, por que dizeis que tem tantas ou tantas peças? Porque os primeiros que lhes puzeram este nome, quizeram significar, sábia e christãmente, que a sujeição que o escravo tem ao senhor, e o dominio que o senhor tem sobre o escravo, só consiste no corpo. Os homens não são feitos de uma só peça, como os Anjos e os brutos. Os Anjos e os brutos (para que nos expliquemos assim) são inteiriços; o Anjo, porque todo é espirito; o bruto, porque todo é corpo. O homem não. É feito de duas peças, alma e corpo. E porque o senhor do escravo só é senhor de uma d'estas peças, e a capaz de dominio, que é o corpo; por isso chamaes aos vossos escravos peças. E se esta derivação vos não contenta, digamos, que chamaes peças aos vossos escravos, assim como dizemos, uma peça de ouro, uma peça de prata, uma peça de sêda, ou de qualquer outra coisa das que não têm alma. E por este modo ainda fica mais claramente

¹ Senec. Epist. 47.

provado, que o nome de peça não comprehende a alma do escravo, e sómente se entende e se estende a significar o corpo. Este é o que só se captiva, este o que só se comprá e vende, este o que só tem debaixo de sua jurisdição a fortuna, e este enfim o que levou de Jerusalém a Babylonia a transmigração dos filhos de Israel, e este o que traz da Ethiopia ao Brazil a transmigração dos que aqui se chamam escravos, e aqui continuam seu captiveiro.

III

De maneira, irmãos pretos, que o captiveiro que pa-deceis, por mais duro e aspero que seja, ou vos pareça, não é captiveiro total, ou de tudo o que sois, senão meio captiveiro. Sois captivos n'aquella metade exterior e mais vil de vós mesmos, que é o corpo; porém na outra metade interior e notabilissima, que é a alma, principalmente no que a ella pertence, não sois captivos, mas livres. E supposto este primeiro ponto, segue-se agora que saibaes o segundo, e muito mais importante, e que eu vos declare, se essa parte ou metadá livre, que é a alma, póde tambem por algum modo ser captiva, e quem a póde captivar. Digo pois, que tambem a vossa alma, como as dos mais, póde ser captiva: e quem a póde captivar, não são vossos senhores, nem o mesmo rei, nem outro algum poder humano, senão vós mesmos, e por vossa livre vontade. Ditosos de vós aquelles, que de tal modo se compuzeram com a sorte do seu meio captiveiro, que se sirvam da sua propria servidão, e se saibam aproveitar do que n'ella, e com ella, podem merecer! Mas o mal e a miseria, que totalmente vos fará miseraveis, é que fazendo-vos a vossa fortuna captivos só no corpo, vós muito por vossa vontade captiveis tambem a alma. Dois casos notaveis se viram na transmigração de Babylonia. Houve uns d'aquelles captivos e desterrados, que tendo licença e liberdade para tornar para a patria, quizeram antes ficar no seu captiveiro e houve outros e quasi todos, que sendo aquelle capti-

veiro só do corpo, elles se não contentaram com ser meios captivos, mas para o ser inteiro e totalmente, captivaram tambem as almas. Com grande fundamento se póde pôr em questão: se para a natureza humana se sujeitar e precipitar aos vicios, é maior tentação a liberdade ou o captiveiro? O certo é, que n'esta mesma occasião mostrou por experiencia o captiveiro, não só ter maiores forças para tentar, senão tambem para vencer. Porque entre todos os captivos que foram muitos mil, só um Tobias se achou, que não captivasse a sua alma. Assim o diz e celebra d'elle por grande maravilha a Es-cryptura Sagrada: *In captivitate tamen positus, viam veritatis non deseruit.*¹ Tão ordinaria e universal miseria é, que os meio captivos não sejam só captivos de meias, senão totalmente, e em uma e outra ametade captivos: captivos no corpo, e captivos juntamente na alma.

E se me perguntardes, como deveis perguntar, de que modo se captivam as almas; quem são os que as vendem, e a quem as vendem, e por que preço? Respondendo, que os que as vendem, é cada um a sua: a quem as vendem, é ao demonio: o preço porque as vendem, é o peccado. E porque a alma é invisivel, e o demonio tambem invisivel, e estas vendas não se vêem: para que não cuideis que são encarecimentos e modos de fallar, senão verdades de fé, sabei que assim está definido por Deus, e repetido muitas vezes em todas as Es-crypturas Sagradas. S. Paulo, aquelle grande Apostolo, que foi levado em vida ao céu, e depois tornou do céu á terra, para ensinar aos homens o que lá vira e apreudera, fallando d'esta venda da alma diz assim: *Lex spiritualis est. Ego autem carnalis sum, venundatus sub peccato.*² Sabeis, diz S. Paulo, como os homens vendem a sua alma? Ouvi-me com attenção, eu vol-o direi: *Lex spiritualis est*: a lei é espiritual: *Ego autem*

¹ Tob., I, 2.

² Rom., VII, 14.

carnalis sum : e o homem é carnal. A lei é espiritual ; porque ordena o que convém ao espirito e á alma : o homem é carnal ; porque naturalmente appeteece o que pede a carne e o corpo. Da parte da lei está Deus mandando que seja obedecido, e promettendo que aos que a guardarem dará depois o céu : da parte da carne está o demonio aconselhando que se não guarde a lei, e promettendo ao homem, que logo e de contado, lhe dará o gosto ou interesse, que pede o seu appetite. Posta pois a alma como em leilão, entre Deus e o demonio, entre a lei e o peccado : que faz a vontade e o livre alvedrio, que é o senhor de todas nossas acções e resoluções ? Em vez de receber o lança de Deus, aceita o do demonio, e tanto que consentindo no peccado, ficou a alma captiva, e rematada a venda : *Venundatus sub peccato*. É o que diz Santo Agostinho na exposição d'este mesmo Texto : *Unusquisque peccando animam suam diabolo vendit, tanquam pretio, dulcedine temporalis voluptatis*. A primeira venda, e o primeiro leilão de almas que se fez n'este mundo, foi no Paraiso terreal. De uma parte estava Deus, mandando que se não comesse da fructa vedada : da outra parte estava a serpente instigando que se comesse : E que succedeu ? Eva, que representava a carne, inclinou á parte do demonio ; e porque Adão, que fazia as partes do alvedrio, em vez de obedecer ao preceito de Deus, seguiu o appetite da carne ; alli ficaram vendidas ao demonio as duas primeiras almas, e d'alli trouxe a sua origem a venda das demais.⁶

Dizei-me, brancos e pretos, não condemnamos todos a Adão e Eva ? Não conhecemos que foram ignorantes e mais que ignorantes ; loucos e mais que loucos ; cegos e mais que cegos ? Não somos nós os mesmos, que lhes lançamos pragas e maldições, pelo que fizeram ? Pois por que fazemos o mesmo, e vendemos as nossas almas, como elles as venderam ? Ouçam primeiro os brancos um exemplo, em que vejam a sua deformidade, e logo mostraremos outro aos pretos, em que vejam a sua. De El-rei Achab affirma a Historia Sagrada, que foi o mais mau rei que houve entre todos os de Israel ; porque

peccando, e para peccar, se vendeu : *Non fuit alter talis sicut Achab, qui venundatus est, ut faceret malum*.¹ O mesmo lhe disse o Propheta Elias na cara. Perguntou-lhe o rei : *Num invenisti me inimicum tibi ?*² Porventura, Elias, achaste em mim alguma coisa, pela qual tenhas para ti, que sou teu inimigo ? Sim, achei, respondeu o Propheta : porque achei que és tal, que te vendes para offender a Deus : *Inveni, eò quòd venundatus sis, ut faceres malum in conspectum Domini*. Não se queixou Elias das offensas que lhe tinha feito Achab, mas das que fazia contra Deus : nem se queixou de não ser o rei amigo do seu Propheta, senão de que sendo rei, se vendia e fazia escravo : *Eò quòd venundatus sis, ut faceres malum*.

E que males e peccados eram aquelles em que Achab se vendia ? Dois principalmente, refere a Escriptura : um geral, com que obrigava os subditos a que adorassem os idolos de ouro de Jeroboão, prohibindo, que não fôsem ao Templo do verdadeiro Deus : o outro particular, em que n'aquella occasião tinha consentido que falsamente fôsse condemnado á morte Naboth, para lhe confiscar e tomar a sua vinha. Vêde se é bom exemplo este para os regulos do nosso Reconcavo. É possível, que por acrescentar mais uma braça de terra ao cannaveal, e meia tarefa mais ao engenho em cada semana, haveis de vender a vossa alma ao diabo ? Mas a vossa, já que o é, vendei-lh'a, ou revendei-lh'a, embora. Porém as dos vossos escravos, por que lh'as haveis de vender tambem, antepoendo a sua salvação aos idolos de ouro, que são os vossos malditos, e sempre mal logrados interesses ? Por isso os vossos escravos não têm doutrina : por isso vivem e morrem sem Sacramentos : e por isso, se lhes não prohibis a Igreja, com subtileza de cobiça, que só podia inventar o diabo (para que o diga na phrase do vulgo) não quereis que vão á porta da Igreja. Con-

¹ 3.º Liv. dos Reis, XXI, 25.

² *Ibid.*, 20.

sentis que os escravos e escravas andem em peccado, e não lhe permittis que se casem, porque dizeis, que casados servem menos bem. Oh razão (quando assim fôra) tão digna do vosso entendimento, como da vossa chis-tandade! Prevaleça o meu serviço ao serviço de Deus e com tanto que os meus escravos me sirvam melhor, vivam e morram em serviço do diabo. Espero eu no mesmo Deus que terá misericórdia da sua miseria, e das suas almas: mas das vossas almas e d'esta vossa, que também é miseria, não tenho em que fundar tão boas esperanças.

Passemos ao exemplo mais proprio dos escravos, os quaes por nenhum respeito devem vender a sua alma, ainda que lhe houvesse de custar a vida. Depois que El-rei Antiocho, por sobrenome o Illustre, sahindo da Grecia com poderoso exercito, dominou a Jerusalém, e com ella a todas as reliquias que tinham escapado da transmigração de Babylonia (que nem sempre os homens levam consigo o captivo aos desterrros, mas talvez o mesmo captivo os vem buscar a sua casa); mandou o barbaro, e insolente rei, que em toda Judéa se não guardasse a Lei de Deus, senão sómente as suas, e que os deuses, a quem se offerecessem os sacrificios, fôsem os da gentildade, que elle adorava. Que vos parece que fariam em um tão apertado caso os miseraveis captivos? Mal fiz em lhes chamar miseraveis indistinctamente. Uns foram miseraveis, fracos e vis, outros fortes, constantes e gloriosos. Os miseraveis, fracos e vis, diz o Texto, que por ganharem a graça dos senhores, obedeceram, e fazendo-se gentios venderam as suas almas: *Et juncti sunt Nationibus, et venundati sunt, ut facerent malum:*¹ pelo contrario os fortes, constantes e gloriosos, por não venderem as almas, perderam animosamente as vidas, que da graça dos senhores nenhum caso fizeram. Bem se viu aqui, que os corpos sómente são os captivos, as almas não. Eram os senhores tão ty-

¹ 1.º dos Machab., I, 16.

cannos, que lhes cortavam os dedos das mãos e dos pés; que lhes arrancavam os olhos e as linguas; que os frigiavam e torravam vivos em certãs ardentes; e com outros exquisitos tormentos lhes tiravam as innocentes vidas; mas elles, antes queriam padecer e morrer, que vender as almas. Julgae agora vós, que vos achaes na mesma fortuna de escravos, quaes d'estes obraram melhor: se os que venderam as almas para agradar aos senhores, ou os que quizeram antes perder a vida, que captivar a alma? Não estaes dizendo todos, que o valor e constancia d'estes, é digna de eternos louvores? Sim. Pois a estes vos digo, que imiteis. Por graça e mercê grande de Deus, ainda que escravos e captivos, não estaes em terra, onde vossos senhores vos hajam de obrigar a deixar a fé. Mas é certo, que sem se perder, nem arriscar a fé, se pôde perder e vender a alma. E no tal caso (que pôde acontecer muitas vezes) tende bem na memoria o exemplo que acabastes de ouvir, para que não falteis á vossa obrigação. Se o senhor mandasse ao escravo, ou quizesse da escrava, coisa que offenda gravemente a alma, e a consciencia; assim como elle o não pôde querer, nem mandar, assim o escravo é obrigado a não obedecer. Dizei constantemente, que não haveis de offender a Deus: e se por isso vos ameaçarem e castigarem, soffrei animosa e christãmente, ainda que seja por toda a vida, que esses castigos são martyrios.

IV

Temos visto, que assim como o homem se compõe de duas partes, ou de duas metades, que são corpo e alma, assim o captivo se divide em dois captivos: um, captivo do corpo, em que os corpos involuntariamente são captivos e escravos dos homens: outro, captivo da alma, em que as almas por propria vontade se vendem, e se fazem captivas e escravas do demônio. E porque vos prometto, que a Virgem, Senhora nossa do Rosario, vos ha-de libertar, ou forrar, como dizeis, do maior captivo; para que conheçaes bem

quanto deveis estimar esta alforria, importa que saibaes e entendaes primeiro, qual d'estes dois captiveiros é o maior. A alma é melhor que o corpo, o demonio é peor senhor que o homem, por mais tyranno que seja; o captiveiro dos homens é temporal, o do demonio eterno: logo nenhum entendimento póde haver, tão rude e tão cego, que não conheça que o maior e peor captiveiro é o da alma. Mas como a alma, o demonio, e este mesmo captiveiro, como já disse, são coisas que se não vêem com os olhos: onde acharei eu um meio proporcionado á vossa capacidade, com que vos faça visivel esta demonstração? Fundemol-a no mesmo captiveiro, que é coisa para vós mais sensivel. Pergunto: Se Deus n'esta mesma hora vos libertára a todos do captiveiro em que estaes, e de repente vos visseis todos livres e forros: não seria uma estranha e admiravel mercê que Deus vos faria? Pois muito maior é, e de muito maior e mais subido valor, a mercê que a Senhora do Rosario vos fará, em livrar vossas almas do captiveiro do demonio, e do peccado. No nosso Evangelho o temos.

Faz repetida menção o Evangelho do captiveiro de Babylonia, e do captiveiro do Egypto nenhuma memoria faz. O captiveiro de Babylonia succedeu no tempo de Jeconias, e do Egypto no tempo de Judas: pois assim como diz o Evangelista: *Jechoniam, et fratres ejus in transmigracione Babylonis*: por que não diz tambem: *Judam, et fratres ejus in captivitate Aegypti*? O reparo e a resposta, é de S. Chrysostomo, por estas palavras: *Cur sicut captivitalis Babilonicæ meminuit, non autem descensus in Aegyptum? Quia illuc non propter peccata abducti fuerant; hinc verò ob scelera translati sunt.*¹ No tempo dos mesmos Patriarchas que se referem na genealogia de Christo, succedeu o captiveiro do Egypto, e tambem o de Babylonia: e se quereis saber porque o Evangelista, na mesma genealogia, faz menção do captiveiro de Babylonia, e passa em silencio o captiveiro do

¹ Chrysost. Hom. 4.º in Matheum.

Egypto, a razão é, diz Chrysostomo, porque os do captiveiro de Babylonia foram lá levados por peccados, em castigo das grandes maldades que tinham commettido na sua patria: porém os do captiveiro do Egypto não foram ao Egypto por peccados, senão chamados por seu irmão Joseph, e depois captivos pela tyrannia de Pharaó. E como o captiveiro do Egypto foi só temporal e dos corpos; captivos não por peccados proprios, senão pela tyrannia alheia: e o captiveiro de Babylonia pelo contrario foi captiveiro espiritual, e das almas, cujos peccados as tinham feito escravas do mesmo peccado e do demonio: por isso este só captiveiro se refere na genealogia de Christo, o qual não veio libertar os homens do captiveiro temporal, e do corpo, senão do espirital, e da alma. Excellentemente por certo assim ponderado como respondido.

E se buscarmos o principio fundamental, porque Christo sendo Redemptor do genero humano, só veio remir e libertar os homens do captiveiro das almas, e não da servidão dos corpos, o fundamento claro e manifesto, é porque para libertar do captiveiro dos homens, bastavam homens; para libertar do captiveiro do demonio e do peccado, é necessario todo o poder de Deus. Estes mesmos filhos de Israel de que fallamos, foram muitas outras vezes captivos de diversas nações; captivos logo em seu nascimento dos Egypcios; captivos depois dos Mesopotamios; captivos dos Amonitas; captivos dos Cananeus; captivos dos Madianitas; captivos dos Philisteus. E de todos estes captiveiros os livrou sempre Deus por meio de homens. Do captiveiro dos Egypcios por Moysés; do captiveiro dos Mesopotamios por Othoniel; do captiveiro dos Amonitas por Aod; do captiveiro dos Cananeus por Barac; do captiveiro dos Madianitas por Gedeão; do captiveiro dos Philisteus por Jephte. Assim que para libertar do captiveiro de homens, bastam homens. E se me instardes que os captivos da transmigração de Babylonia não só eram captivos dos Babilonicos, senão tambem captivos do demonio e do peccado, como acabamos de vêr, e que contudo

os libertou um homem, que foi El-rei Cyro; agora entenderéis o mysterio, porventura até agora não entendido, das palavras de Isaias, fallando d'este mesmo captivo e d'esta mesma liberdade.

Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator: ¹ Verdadeiramente, ó rei Cyro, em ti está escondido Deus, e não só escondido como Deus, senão como Salvador e Libertador de Israel. Pois se Isaias falla da liberdade do captivo de Babilonia, e Cyro, como rei da mesma Babilonia, foi o que libertou aos filhos de Israel d'aquelle captivo: por que diz que Deus como libertador de Israel estava escondido no mesmo Cyro? Porque no captivo de Babilonia havia juntamente dois captivos, pelos quaes os mesmos filhos de Israel eram dobradamente escravos: um captivo temporal e dos corpos, pelo qual eram captivos de El-rei Cyro, e outro espiritual e das almas, pelo qual eram captivos do demonio e do peccado: do captivo dos corpos libertou-os o rei homem, que como homem bastava para os libertar, e como rei podia; do captivo do demonio e do peccado, como os não podia libertar nenhum homem, foi necessario que concorresse tambem Deus como libertador: *Deus Israel Salvator*: porque só Deus os podia libertar d'aquelle captivo. E por que acrescenta o Propheta, que Deus estava escondido em Cyro: *Verè tu es Deus absconditus?* Porque assim como um captivo era occulto, e o outro publico, assim foram os dois libertadores, um publico, outro escondido. O captivo dos corpos era publico, e como publico libertou Cyro os captivos publicamente: porém o captivo das almas e do demonio, era occulto e invisivel; e como occulto e invisivel os libertou tambem Deus occulta e invisivelmente, e por isso escondido: *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator.*

Em summa, que é tal e tão immensamente maior que toda a infelicidade o captivo das almas escrava-

¹ Isai., XLV, 15.

vas do demonio e do peccado, que só Deus por si mesmo as pôde resgatar e libertar de tal captivo. E isto é como dizem Santo Agostinho, S. Jeronymo, Santo Hilario e os mais Padres, o que Isaias quiz ensinar historialmente no captivo de Babilonia, e propheticamente no de todo o genero humano; resgatado e libertado, não por outrem, senão pelo mesmo Filho de Deus em pessoa, quando com o preço infinito de seu sangue nos remiu na cruz. Os discipulos de Emmáus, e os outros mais rudes da escola de Christo, cuidavam que a sua vinda ao mundo fôra para libertar os filhos de Israel da sujeição e captivo dos Romanos: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel:* ¹ mas por isso mereceram o nome de homens nescios, e de tardo e baixo coração: *O stulti et tardi corde.* ² Porventura para libertar os filhos de Israel do jugo dos Romanos, faltava-lhe a Deus uma vara de Moysés, uma queixada de Samsão, uma funda de David, uma espada de Macchabeu? Mas estas armas e estes braços, só bastam para libertar do captivo dos corpos; porém para o captivo das almas, e para as libertar do jugo do demonio, e do peccado, só tem forças e poder o mesmo Deus, e esse com ambos os braços estendidos em uma cruz. Vêde, vêde bem, quanto vae de captivo a captivo, de resgate a resgate, e de preço a preço. Com admiravel energia o ponderou S. Pedro, como se fallára comvosco, vendidos e comprados por dinheiro.

Scientes, quòd non corruptibilibus, auro vel argento redempti estis: sed pretioso sanguine quasi Agni immaculati Christi. ³ Exhorta o Apostolo a todos a que tratem da salvação de suas almas, e de as conservar em graça: e para isso diz, que consideremos que não fomos resgatados com ouro, nem com prata, senão com o preço infinito do sangue do Filho de Deus. Nas quaes palavras

¹ Luc., XXIV, 21.

² Ibid., 25.

³ 1.ª Petr., I, 17 e 18.

é muito digno de ponderar, que não só nos manda S. Pedro considerar o preço porque fomos resgatados, senão também o preço porque não fomos resgatados. O preço porque não fomos resgatados, que é o ouro e a prata: *Non corruptilibus auro, vel argento*: e o preço porque fomos resgatados, que é o sangue do Filho de Deus: *Sed pretioso sanguine quasi Agni immaculati Christi*. Pois se para tratarmos com todo o cuidado e vigilância da salvação de nossas almas, o unico e maior motivo é a consideração de que Deus as resgatou com o sangue de seu proprio Filho: por que ajunta o Apostolo na mesma consideração o preço com que não foram resgatadas, que é o ouro e a prata? Porque o seu principal intento n'estes dois preços que nos manda considerar foi para que da differença dos resgates conhecessemos a differença dos captiveiros. Para resgatar do captiveiro do corpo, basta dar outro tanto ouro, ou prata, quanto custou o escravo vendido. Mas para resgatar do captiveiro da alma, quanto ouro, ou prata será bastante? Bastará um milhão? Bastarão dois milhões? Bastará todo o outro de Sofalla, e toda a prata de Potossi? Oh vileza e ignorancia das apprehensões humanas! Se todo o mar se convertera em prata, e toda a terra em ouro: se Deus criára outro mundo, e mil mundos de mais preciosa materia que o ouro, e mais subidos quilates que os diamantes; todo este preço não seria bastante para libertar do captiveiro do demonio e do peccado, uma só alma por um só momento. Por isso foi necessario que o Filho de Deus se fizesse homem, e morresse em uma cruz, para que com o preço infinito de seu sangue pudesse resgatar e resgatasse as almas do capriveiro do demonio e do peccado. E d'este captiveiro tão difficuloso, e tão temeroso e tão immenso, é, que eu vos prometto a carta de alforria pela devoção do Rosario da Mãe do mesmo Deus.

V

Para prova d'esta carta de alforria me perguntareis vós com razão, e também os que têm mais lettras que vós, como pôde isto ser? Respondo, que pelo mesmo modo com que o Filho da mesma Senhora, Christo, libertou do mesmo captiveiro do demonio e do peccado, a todo o género humano. E se me instardes ainda que vos diga mais declaradamente qual é d'este modo? Digo, que não é dando a Senhora aos escravos a escriptura da liberdade, senão tirando das mãos do demonio a escriptura do captiveiro. Ouvi um Texto tão grande como o mesmo assumpto: *Delens quod adversus nos erat chirographum decreti, quod erat contrarium nobis, et ipsum tulit de medio, affigens illud cruci: et expolians principatus, et potestates.*¹ São palavras de S. Paulo: nas quaes diz que quando Christo morreu na cruz, despojou os demonios, tirando-lhes das mãos a escriptura que tinham contra nós, e que depois de apagar quanto n'ella estava escripto, a affixou na mesma cruz. Agora resta saber que escriptura era esta? E posto que os Santos Padres e Interpretes declaram váriamente o literal d'ella, todos uniformemente vêm a dizer que era escriptura de venda, pela qual o homem pelo peccado entrega a sua alma ao demonio, e fica obrigado por ella ás penas eternas que a Justiça Divina lhe tem decretadas. E assim como paga a divida, nenhuma força nem vigor tem já a escriptura que o credor tinha em sua mão: assim Christo morrendo na cruz com o mesmo sangue com que pagou a divida do peccado, apagou juntamente a escriptura, pela qual o homem tinha vendido a sua alma ao demonio, e se tinha feito seu escravo: *Delens quod adversus nos erat chirographum*. De maneira, que para Christo libertar o homem do captiveiro do demonio não deu ao homem nova escriptura

¹ Coloss., II, 14 e 15.

de liberdade, mas tirou ao demonio a escriptura de captivo, pela qual o mesmo homem se lhe tinha vendido. E isto é o que a Virgem Senhora nossa faz, como agora veremos.

Os peccados, pelos quaes os homens se vendem ao demonio, como notou S. João, são tres, em que se comprehendem todos: soberba, cobiça, sensualidade. E em todos tres temos a prova das escripturas de captivo, que a Mãe de Deus, como seu Filho, tira das mãos do demonio para pôr em liberdade os que lhe venderam as almas. É famoso e celebrado de todos os Padres antigos o caso de um chamado Theophilo, o qual vendo-se affrontado por um falso testemunho e não achando meio licito, com que se restituir á opinião e honra perdida, por intervenção de um feiticeiro se valeu do demonio, e depois de renegar de Deus e da Virgem Maria, lhe passou um escripto de sua letra e signal, em que se lhe entregava por perpetuo escravo. Tanto pôde com os soberbos a vã estimação da propria honra. Outro, que refere o beato Alano, vendo-se em grande miseria de pobreza, e não lhe aproveitando nenhuma industria para ser rico, como insanamente desejava, recorreu tambem ao demonio, e depois da mesma cerimonia heretica e blasphema com que renunciou a Deus e a sua Mãe, lhe passou na mesma fórma escripto de perpetua servidão. A que sacrilegios não precipita os animos mortaes a execranda fome da cobiça? Finalmente outro, referido por Torselino, depois de empregar e empenhar sem effeito na conquista de uma mulher honesta e constante, todos aquelles extremos de que se costuma servir em semelhante desatino a cegueira e loucura do amor profano, acudiu por ultimo remedio, ou por ultimo precipicio aos poderes do demonio, ao qual com as mesmas clausulas do seu formulario infernal, se vendeu e captivou para sempre. Ainda fizera mais, se mais lhe pudera pedir um escravo da sensualidade.

Todos estes escravos do demonio, em confirmação do pacto com que se tinham vendido, conseguiram o que o mesmo demonio lhes promettera: o soberbo, o cre-

dito perdido; o cobiçoso, a riqueza desejada; o sensual, a torpeza resistida. Mas depois que o ardor do appetite esteve em todos satisfeito, e por isso já menos cego: que fariam as tristes almas vendo-se vendidas? Maior era agora a força do arrependimento, do que tinha sido a furia do mesmo appetite. E não se descuidando o demonio em mostrar a cada um a sua firma e o seu escripto, pouco faltou que d'aquelle infelicissimo estado não cahissem todos no ultimo da desesperação. Recorrendo porém todos por extraordinaria luz, e mercê do céu, ao unico patrocínio da Mãe de misericórdia, com gemidos, lagrimas, penitencias e continuas orações: ainda assim era justo que achassem fechadas as portas da misericórdia em Deus, e na Mãe de Deus, os que tinham negado a ambos. Mas qual vos parece que seria o fim, não de um, senão de tres casos, tão difficultosos e horrendos? De dois ladrões na cruz, um se salvou para exemplo da misericórdia, e outro se condemnou para exemplo da justiça. Porém onde entra vossa soberana mão, oh Virgem piedosissima, não ha essas excepções, nem piedade de meias. A todos tres restituiu a poderosissima Senhora as suas escripturas, tirando-as por força das mãos do demonio, e entregando-as outra vez aos mesmos que as tinham escripto, para que mettessem e apagassem no fogo as letras, com que elles se tinham condemnado ao fogo, que se não apaga. É o que fez Christo na cruz: *Delens quod adversus nos erat chirographum*. É a proporção que achou entre Christo e sua Mãe, o antigo Geometra, quando elegantemente chamou á mesma Senhora, *Spongiam nequitiæ nostræ adversus diaboli scripturam*.

Este foi o modo com que a Virgem Senhora nossa, á imitação de seu Filho, não fazendo, senão desfazendo oscriptura, deu carta de liberdade a estes tres escravos do demonio. E elles que fizeram? Todo o resto da vida empregaram em louvar e dar graças por tão singular e extraordinario beneficio á Soberana Auctora d'elle. O escravo da cobiça, que foi em tempo de S. Domingos, rezava o Rosario: o escravo da soberba, que foi muito

antes de haver Rosario, sem essa ordem, mas com perpetuas repetições saudava a Senhora com a Ave Maria: o escravo da sensualidade, que recebeu o seu escripto na mesma casa sagrada (hoje chamada do Loreto) onde o Anjo começou a sua embaixada, dizendo: *Ave gratia plena*: repetia o mesmo infinitas vezes. De sorte, que todos tres rezavam o Rosario, só com uma differença: que no primeiro era o Rosario enfiado, nos outros des-enfiado. E este exemplo devem tomar os pretos, para quando a força da occupação, ou do trabalho, lhes não permittir enfiarem as suas Ave Marias pela ordem dos mysterios, invocando porém sempre a mesma Senhora, para que os ajude no seu trabalho. E têm mais alguma coisa que imitar? Sim, e a maior. Pela carta de liberdade que receberam os tres escravos do demonio, não se trataram como forros, senão como captivos de quem os libertou. Assim fizeram, e assim o deviam fazer, porque isto é, não só o primor, senão a obrigação de todos aquelles a quem Deus livra do captiveiro do demonio e do peccado.

Quando Christo morreu na cruz, já vimos como n'ella apagou as escripturas de todos os que em Adão e depois d'elle se tinham vendido ao demonio. Agora notae que depois de resuscitado, quando subiu triumphante ao céu, ao modo dos triumphadores romanos, levou diante de si todos os que até então tinha tirado das masmorras do mesmo captiveiro. Assim o canta David, mas por termos em que parece, nega o que celebra, e desdiz o que quer dizer. No Texto da Vulgata diz, que quando Christo subiu ao céu, captivou o captiveiro: *Ascendisti in altum, cepisti captivitatem*:¹ na versão de S. Paulo diz, que levou os captivos captivos: *Ascendens in altum, captivam duxit captivitatem*.² Pois se o Senhor não levou no seu triumpho senão os que tinha libertado; e porque os tinha libertado, elles foram todo o despojo

¹ *Psalm.*, LXVII, 19.

² *Ephes.*, IV, 8.

das suas victorias, e elles a maior pompa, ostentação e magestade do mesmo triumpho; como diz David, que então captivou o captiveiro e levou diante de si os captivos, não livres, senão captivos? Porque a mesma liberdade com que Christo os libertou, foi novo captiveiro com que os tornou a captivar; e porque os levava libertados e livres, os levou novamente captivos. A liberdade é um estado de isenção, que uma vez perdido, nunca mais se recupera: quem foi captivo uma vez, sempre ficou captivo: porque ou o libertam do captiveiro, ou não: se o não libertam, continua a ser captivo do tyranno: se o libertam, passa a ser captivo do libertador. E isto é o que succedeu a todos os que Christo libertou na cruz, apagadas as escripturas do seu captiveiro. Antes da liberdade captivos, e depois da liberdade tambem captivos: antes da liberdade captivos do demonio, a quem se venderam; depois da liberdade captivos de Christo, que os resgatou: antes da liberdade captivos do peccado, depois da liberdade captivos de Deus, como diz o Apostolo: *Liberati á peccato, servi autem facti Deo*.¹

D'esta maneira se mostraram agradecidos á sua carta de alforria aquelles tres captivos, captivando-se de novo, e fazendo-se escravos da mesma Senhora que os libertára. E o mesmo devem fazer todos os que se acham ainda no captiveiro de Babylonia, e querem sahir d'elle. Captivem-se para se libertarem, e façam-se escravos da Senhora do Rosario, para não serem escravos do demonio, se ainda o são; ou para se conservarem livres, se já estão fóra do captiveiro. Apaguem a marca do demonio, que é marca de captivos, e ponham em seu lugar a marca do Rosario, que é marca de livres. E se quereis saber qual é a figura d'esta marca: digo, que uma rosa. Conta-se no segundo Livro dos Macchabeus,² que aos captivos de Jerusalém mandou o tyranno marcar com uma folha de hera, para se professarem escravos do

¹ *Rom.*, VI, 22.

² *2.º Livr. dos Macchab.*, VI, 7

Deus Baccho, a quem era dedicada aquella planta. E que marca mais propria dos escravos do Rosario, que uma rosa, não só como ferrete glorioso do seu novo captiveiro, mas como publico signal e sello da sua carta de alforria? Os que sois, ou fostes marcados, trazeis uma marca no peito, outra no braço. Assim quer que tragaes a sua marca a Senhora do Rosario: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.*¹ As voltas de contas que trazeis nos pulsos e ao pescoço (fallo com as pretas) sejam todas das contas do Rosario. As do pescoço cahidas sobre os peitos, serão a marca do peito: *Pone me ut signaculum super cor tuum*: e as dos pulsos como bracettes, serão a marca do braço: *Ut signaculum super brachium tuum*: e uma e outra marca, assim no coração como nas obras, serão um testemunho e desengano publico para todos, de que já estão livres vossas almas do captiveiro do demonio e do peccado, para nunca mais o servir: *Et post transmirationem Babylonis.*

VI

Livres por este modo do maior e mais pesado captiveiro, que é o das almas, ainda ficaes escravos do segundo, que é o dos corpos. Mas nem por isso deveis imaginar que é menos inteira a mercê, que a Senhora do Rosario vos faz. Que seja poderosa a Senhora do Rosario para livrar do captiveiro do corpo, se tem visto em innumeraveis exemplos dos que estando captivos em terra de infieis por meio da devoção do Rosario se acharam livres, e depois de offerecerem aos altares da mesma Senhora os grilhões e cadeias do seu captiveiro quebradas, como tropheus do seu poder e misericordia, as penduraram nos templos. Quando Deus desceu a libertar o seu povo do captiveiro do Egypto,² porque cui-

¹ Cant., viii, 6.

² Exod. iii, 2.

daes que appareceu a Moysés na Sarça? Porque a Sarça, como dizem todos os Santos, era figura da Virgem Senhora Nossa: e quiz Deus já então fazer manifesto ao mundo, que a mesma Virgem Santissima, não só era o instrumento mais proporcionado e efficaz da Divina Omnipotencia, para libertar os homens do captiveiro das almas (que por isso a escolheu por Mãe, quando veio remir o genero humano), senão tambem para os libertar do captiveiro dos corpos, qual era aquelle que padecia o povo no Egypto debaixo do jugo de Pharaó. Assim que poderosa era a Mãe do Redemptor para vos livrar tambem d'este segundo e menor captiveiro. Mas é particular providencia de Deus, e sua, que vivaes de presente escravos e captivos, para que por meio do mesmo captiveiro temporal, consigaes muito facilmente a liberdade eterna.

Somos chegados á segunda parte da alforria, que vos prometti, e a um ponto, no qual só vos falta o conhecimento e bom uso do vosso estado, para serdes n'elle os mais venturosos homens do mundo. Sobre esta materia só vos hei-de allegar com os dois Principes dos Apostolos, S. Pedro e S. Paulo, os quaes a trataram muito de proposito em varios logares, fallando com os escravos tão seriamente, como se fallaram com imperadores de Roma, e tão alta e profundamente, como se fallaram com os sabios da Grecia. Para que não cuidem os que desprezam os escravos, que este assumpto (e mais em terra onde ha Santos) seja menos digno de se empregarem n'elle com todas as forças da eloquencia, e com toda a efficacia do espirito, os maiores prégadores do Evangelho. Falla pois o Apostolo S. Paulo com os escravos, e diz assim em dois logares: *Servi, obedite per omnia Dominis carnalibus, non ad oculum servientes, quasi hominibus placentes, sed in simplicitate cordis timentes Deum. Quodcumque facitis, ex animo operamini sicut Domino, et non hominibus scientes quod à Domino accipietis retributionem hereditatis. Domino Christo servite.*¹ Escravos,

¹ Collos., iii, 22, 23 e 24; Ephes., vi, 3 et seq.

(diz S. Paulo) obedeei em tudo a vossos senhores, não os servindo sómente aos olhos, e quando elles vos vêem, como quem serve a homens; mas muito de coração, e quando não sois vistos, como quem serve a Deus. Tudo o que fizerdes, não seja por força, senão por vontade: advertindo outra vez, que servis a Deus, o qual vos ha-de pagar o vosso trabalho, fazendo-vos seus herdeiros. Emfim, servi a Christo: *Domino Christo servite*.

Deixando esta ultima palavra para depois; só pondere agora aquellas: *Scientes quòd à Domino accipietis retributionem hæreditatis*. Duas coizas promette Deus aos escravos pelo serviço que fazem a seus senhores, ambas não só desusadas, mas inauditas: que são paga e herança: *Retributionem hæreditatis*. Notae muito isto. Quando servis a vossos senhores, nem vós sois seus herdeiros, nem elles vos pagam o vosso trabalho. Não sois seus herdeiros, porque a herança é dos filhos, e não dos escravos: e não vos pagam o vosso trabalho, porque o escravo serve por obrigação, e não por estipendio. Triste e miseravel estado, servir sem esperança de premio em toda a vida, e trabalhar sem esperança de descanso, senão na sepultura! Mas bom remedio, diz o Apostolo (e isto não são encarecimentos, senão fé catholica). O remedio é, que quando servis a vossos senhores, não os sirvaes, como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus: *sicut Domino, et non hominibus*: porque então não servis como captivos, senão como livres, nem obedeeis como escravos, senão como filhos. Não servis como captivos, senão como livres; porque Deus vos ha-de pagar o vosso trabalho: *Scientes quòd accipietis retributionem*: e não obedeeis como escravos, senão como filhos; porque Deus, com quem vos conformaes n'essa fortuna, que elle vos deu, vos ha-de fazer seus herdeiros: *Retributionem hæreditatis*. Dizei-me: se servisseis a vossos senhores por jornal, e se houvesseis de ser herdeiros da sua fazenda, não os servieis com grande vontade? Pois servi a esse mesmo que chamaes senhor, servia esse mesmo homem, como se servisseis a Deus: e n'esse mesmo trabalho, que é forçoso, bastará a volun-

taria applicação d'este como: *Sicut Domino*: como a Deus: para que Deus vos pague como a livres, e vos faça herdeiros como a filhos: *Scientes quòd accipietis retributionem hæreditatis*.

Isto diz S. Paulo. E S. Pedro que diz? Ainda levanta e aperta mais o ponto. E depois de fallar com os christãos de todos os estados em geral, se dilata mais com os escravos, e os anima a supportarem o da sua fortuna com toda esta magestade de razões: *Servi, subditi estote in omni timore Dominis, non tantum bonis, et modestis, sed etiam dyscolis*.¹ Escravos, estae sujeitos, e obedientes em tudo a vossos senhores, não só aos bons e modestos, senão tambem aos maus e injustos. Esta é a summa do preceito e conselho que lhes dá o Principe dos Apostolos, e logo ajunta as razões dignas de se darem aos mais nobres e generosos espiritos. Primeira: porque a gloria da paciencia é padecer sem culpa: *Quæ enim est gloria: si peccantes, et colaphizati suffertis?*² Segunda: porque essa é a graça com que os homens se fazem mais aceitos a Deus: *Sed si benè facientes patienter sustinetis: hæc est gratia apud Deum*. Terceira, e verdadeiramente estupenda: porque n'esse estado em que Deus vos poz, é a vossa vocação semelhante á de seu Filho, o qual padeceu por nós, deixando-vos o exemplo, que haveis de imitar: *In hoc enim vocati estis: quia et Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus*.³ Justissimamente chamei a esta razão estupenda; porque quem haverá, que não pasme á vista da baixeza dos sujeitos, com quem falla S. Pedro, e da alteza da comparação altissima, a que os levanta? Não compara a vocação dos escravos a outro grau, ou estado da Igreja, senão ao mesmo Christo: *In hoc enim vocati estis, quia et Christus passus est*. Mais ainda. Não pára aqui o Apos-

¹ 1.ª Petr., II, 18.

² Ibid., 20.

³ 1.ª Epist. ad Petr., II, 21.

tolo ; mas acrescenta outra nova, e maior prerogativa dos escravos, declarando por quem padeceu Christo, e para que : *Quia et Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum.* Sempre reparei muito da differença d'aquelle *Nobis*, e d'aquelle *Vobis*. A Paixão de Christo teve dois fins : o remedio e o exemplo. O remedio foi universal para todos nós : *Passus est pro nobis* : mas o exemplo não duvida S. Pedro affirmar, que foi particularmente para os escravos, com quem fallava : *Vobis relinquens exemplum.* E porque ? Porque nenhum estado há entre todos mais aparelhado no que naturalmente padece, para imitar a paciencia de Christo, e para seguir as pisadas do seu exemplo : *Vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus.*

Oh ditosos vós, outra e mil vezes, como dizia, se assim como Deus vos deu a graça do estado, vos der tambem o conhecimento, e bom uso d'elle ! Sabeis qual é o estado do vosso captiveiro, se usardes bem dos meios que elle traz consigo, sem acrescentardes nenhum outro ? É um estado, não só de Religião, mas uma das Religiões mais austeras de toda a Igreja. É Religião segundo o instituto apostolico e divino, porque se fazeis o que sois obrigados, não servis a homens senão a Deus, e com titulo nomeadamente de servos de Christo : *Ut servi Christi, facientes voluntatem Dei ex animo, cum bona voluntate servientes, sicut Domino, et non hominibus.* ¹ Notae muito aquella palavra *Cum bona voluntate servientes.* Se servis por força, e de má vontade, sois apostatas da vossa Religião : mas se servis com boa vontade, conformando a vossa com a divina, sois verdadeiro servos de Christo : *Domino Christo servite.* Assim como na Igreja ha duas Religiões da Redempção de captivos, assim a vossa é de captivos sem redempção. Para que tambem lhe não faltasse a perpetuidade, que é a perfeição do estado. Umás Religiões são de descalços, outras de calçados : a vossa é de descalços e despidos.

¹ Ephes., vi, 6 e 7.

O vosso habito é da vossa mesma côr ; porque não vos vestem as pelles das ovelhas e camelos, como a Elias ; mas aquellas com que vos cobriu ou descobriu a natureza, expostos aos calores do sol, e frios das chuvas. A vossa pobreza é mais pobre que a dos menores, e a vossa obediencia mais sujeita que a dos que nós chamamos Minimos. As vossas abstinencias mais merecem nome de fome, que do jejum, e as vossas vigílias não são de uma hora á meia noite, mas de toda a noite sem meio. A vossa regra é uma, ou muitas, porque é a vontade e vontades de vossos senhores. Vós estaes obrigados a elles, porque não podeis deixar o seu captiveiro, e elles não estão obrigados a vós, porque vos podem vender a outro, quando quizerem. Em uma só Religião se acha este contrato para que tambem a vossa seja n'isto singular. Nos nomes do vosso tratamento não fallo, porque não são de reverencia, nem de caridade ; mas de desprezo e affronta. Emfim, toda a Religião tem fim e vocação, e graça particular. A graça da vossa são aqoutes e castigos : *Hæ est gratia apud Deum.* A vocação é a imitação da paciencia de Christo : *In hoc vocati estis, quia et Christus passus est* : e o fim é a herança eterna por premio : *Scientes quod accipietis retributionem hæreditatis. Domino Christo servite.* E como o estado, ou religião do vosso captiveiro, sem outras asperezas, ou penitencias, mais que as que elle traz consigo, tem seguro, por promessa do mesmo Deus, não só o premio de bemaventurados, senão tambem a herança de filhos : favor e providencia muito particular é da Virgem Maria que vos conserveis no mesmo estado, e grandes merecimentos d'elle : para que por meio do captiveiro temporal consigaes, como vos prometti, a liberdade, ou alforria eterna.

VI

Crêde, crêde tudo o que vos tenho dito, que tudo, como já vos adverti, é de fé, e sobre esta fé levantae vossas esperanças, não só ao céo, senão ao que agora

ouvireis que lá vos está aparelhado. Oh que mudança de fortuna será então a vossa, e que pasmo e confusão para os que hoje têm tão pouca humanidade que a desprezam, e tão pouco entendimento que a não invejam! Dizei-me: se assim como vós n'esta vida servis a vossos senhores, elles na outra vida vos houveram de servir a vós, não seria uma mudança muito notavel, e uma gloria para vós nunca imaginada? Pois sabeis que não ha-de ser assim, porque seria muito pouco. Não vos diz Deus, que quando servis a vossos senhores, não sirvaes como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus: *Sicut Domino, et non hominibus?* Pois esta grande mudança de fortuna, que digo, não ha-de ser entre vós, e elles, senão entre vós e Deus. Os que vos hão-de servir no céu, não hão-de ser vossos senhores: que muito póde ser que não vão lá: mas quem vos ha-de servir no céu, é o mesmo Deus em Pessoa. Deus é o que vos ha-de servir no céu, porque vós o serviate na terra. Ouvi agora com attenção.

Antigamente entre os deuses dos gentios havia um que se chamava Saturno, o qual era Deus dos escravos, e quando vinham as festas de Saturno, que por isso se chamavam Saturnaes, uma das solemnidades era, que os escravos n'aquelles dias eram os senhores que estavam assentados, e os senhores os escravos que os serviam em pé. ¹ Mas acabada a festa tambem se acabava a representação d'aquella comedia, e cada um ficava como d'antes era. No céu não é assim; porque tudo lá é eterno, e as festas não têm fim. E quaes serão no céu as festas dos escravos? Muito melhor que as Saturnaes. Porque todos aquelles escravos que n'este mundo servirem a seus senhores como a Deus, não são os senhores da terra os que os hão-de servir no céu, senão o mesmo Deus em Pessoa, o que os ha-de servir. Quem se atrevera a dizer, nem imaginar tal coisa, se o mesmo Christo o não dissera? *Beati servi illi, quos, cum venerit*

¹ Macrobius Saturnal. lib. 1.

Dominus, invenerit vigilantes: ¹ Bemaventurados aquelles escravos a quem o Senhor no fim da vida achar que foram vigilantes em fazer sua obrigação. E como lhes pagará o mesmo Senhor? Elle mesmo o diz, e affirma com juramento: *Amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis.* Mandará assentar os escravos á mesa e elle como escravo cingirá o avental, e os servirá a ella. Por este excesso de honra declara Christo quanto Deus ha-de honrar aos escravos no céu, se elles servirem a seus senhores, como se servissem a Deus. Servistes a vossos senhores na terra, como a mim? Pois Eu, que sou o Senhor de vossos senhores, vos servirei no céu, como vós a elles. S. Pedro Chrysologo: *En pavenda conversio servitutis: quia parumper servus astitit Domini sui expectatione succinctus: et cui ut Talionem redderet, dissimulat se in ipsa Divinitate Divinitas!* ² Oh mudança de servidão (diz Chrysologo) não só admiravel e estupenda, mas tremenda! Que porque o escravo serviu, e esperou a Deus um pouco de tempo, se dissimule a divindade dentro em si mesma, e o mesmo Deus no céu sirva ao escravo! E isto faz Deus (diz elegante, e discretamente o Santo) porque assim como na terra ha lei de Talião para os delictos; assim no céu tem Deus lei de Talião para os premios: *Ut Talionem redderet.*

Mas porque não pareça que excede os termos da rigorosa theologia, dizer que servirá Deus como escravo no céu aos escravos que serviram a Deus na terra; ouvi ao Principe dos Theologos, Santo Thomaz, sobre este mesmo Texto do Evangelho: *Deus Omnipotens Sanctis omnibus in tantum se subjicit, quasi sit servus emptitius singulorum, quilibet vero ipsorum sit Deus suus.* O Deus Omnipotente de tal maneira se sujeita a todos os que santamente o serviram, como se Deus fôra escravo

¹ Luc., xii, 37

² Pedr. Chrys. Serm. 24 de Serv. vigil.

³ D. Thomaz, opusculo 63, s. 3.

comprado de cada um, e cada um dos que assim o serviram fôra Deus do mesmo Deus. Vêde, vêde se vos está melhor servir a vossos senhores, como a Deus, ou servil-os, como a homens. Depois de os servirdes toda a vida como a homens, o mais que podeis esperar d'elles na terra é uma esteira de táboa por mortalha; e se os servirdes como a Deus, o que haveis de alcançar d'elle no céu, é, que vos servirá e honrará por toda a eternidade, como se vós, aqui miseravel escravo, fôsseis seu Deus, e elle vosso escravo comprado: *Quasi sit servus emptitius singulorum, quilibet vero ipsorum sit Deus suus.*

E para que do mesmo que experimentaes e gozaes na terra, julgueis e que será no céu, ponde os olhos n'aquelle altar. O mesmo benignissimo Senhor, que no desterro e no captiveiro vos põe comsigo á mesa, que muito é que no céu vos sirva a ella? Foi questão entre os philosophos antigos: Se era justo e decente que os senhores admittissem comsigo á mesa, e puzessem a ella os seus escravos? Os estoicos, que era a seita mais racional, e entre os gentios a mais christã, ensinava que os senhores deviam admittir os escravos á sua mesa, e louvavam a humanidade dos que isto faziam e se riam da soberba dos que se desprezavam de o fazer. *Servi sunt* (dizia o maior mestre da mesma seita) *Servi sunt? Imò homines. Servi sunt? Imò contubernales. Servi sunt? Imò humiles amici. Servi sunt? Imò conservi. Ideoque rideo istos, qui turpe existimant cum servo suo cenare.*¹ Todas estas razões de Seneca se reduzem a uma, que é, serem tambem homens os que são escravos. Se a fortuna os fez escravos, a natureza fel-os homens: e porque ha-de poder mais a desigualdade da fortuna para o desprezo, que a igualdade da natureza para a estimação? Quando os desprezo a elles, mais me desprezo a mim; porque n'elles desprezo o que é por desgraça, e em mim o que sou por natureza. A esta razão forçosa em toda a parte se acrescenta outra no Brazil,

¹ Seneca lib. 6, epist. 17.

que convence a injustiça, e exaggera a ingratição. Quem vos sustenta no Brazil, senão os vossos escravos? Pois se elles são os que vos dão de comer, por que lhes haveis de negar a mesa, que mais é sua que vossa? Comtudo a magestade, ou deshumanidade da opinião contraria, é a que prevalece, e não só não são admittidos os escravos á mesa, mas nem ainda ás migalhas d'ella, sendo melhor a fortuna dos cães, que a sua, posto que sejam tratados com o mesmo nome. Que importa porém que os senhores os não admittam á sua mesa, se Deus os convida e regala com a sua? *O res mirabilis* (exclama Santo Thomaz, e com elle toda a Igreja) *O res mirabilis, manducat Dominum pauper, servus, et humilis!* O escravo pobre e humilde, não só come á mesa com seu senhor, mas come ao mesmo Senhor. Comparae agora mesa com mesa, e Senhor com Senhor, e ride-vos com Seneca dos que ainda n'este ponto se não descem da auctoridade de senhores: *Rideo istos, qui turpe existimant cum servo cenare.*

E se Deus, sendo escravos, vos põe á sua mesa na terra, que muito é que tendo-o promettido, e estando vós já livres do captiveiro, vos haja de servir á mesa no céu, sendo a mesa, não outra, senão a mesma? Todos os reparos que podia ter esta admiração, já Christo os deixou desfeitos na instituição do mesmo Sacramento. Antes de Christo instituir o soberano mysterio do Santissimo Sacramento, preparou-se a si, e preparou os Discipulos. E quaes foram as preparações? Duas em uma só acção, que foi o lavatorio dos pés. A sua, servindo-os como escravo; e a dos Discipulos, obrigando-os a que se deixassem servir como senhores. E se Christo serviu aos homens como escravo, porque os havia de pôr á sua mesa na terra, que muito haja de servir aos escravos já livres quando os tiver á sua mesa no céu: *Faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis?* Esta é a mudança sobre toda a admiração estupenda, com que então vereis trocada a vossa fortuna, cá servindo aos homens, e lá sendo servidos do mesmo Deus. Mas o que agora importa, é, que de nenhum modo fal-

teis á obrigação com que só se promette a felicidade d'esta mudança á presente miseria de vossa fortuna. E qual é, se não estaes bem lembrados? É que vós também mudeis a intenção, e troqueis os fins do vosso mesmo trabalho, fazendo-o de forçoso voluntario, e servindo a vossos senhores como a Christo, e debaixo dos homens a Deus: *Sicut Domino, et non hominibus. Domino Christo servite.* D'esta maneira ficareis duas vezes forros e livres: livres do captiveiro do demonio pela liberdade das almas, e livres do captiveiro temporal pela liberdade eterna: que são os dois captiveiros da primeira transmigração de Babylonia, e as duas liberdades da segunda: *In transmigratione Babylonis. Et post transmigrationem Babylonis.*

VIII

Tenho acabado o meu discurso, e parece-me que não faltado ao que vos prometti. E porque esta é a ultima vez que hei-de fallar convosco, quero acabar com um documento tirado das mesmas palavras, se muito necessario para vós, muito mais para vossos senhores: *Jechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babylonis.* Este Jeconias e estes seus irmãos, quem foram? todos foram reis e filhos de reis, e reis do reino de Judá, fundado pelo mesmo Deus, e o mais famoso do mundo: e nada d'isto bastou para que não fôsem levados captivos a Babylonia, e lá tratados como vilissimos escravos; um carregado de cadeias, outro com grilhões nos pés, outro com os olhos arrancados, depois de vêr com elles matar em sua presença os proprios filhos. Em significação d'este captiveiro andava o propheta Jeremias pelas ruas e praças de Jerusalém com uma grossa cadeia ao pescoço. ¹ E a esta acrescentou depois outras cinco,

¹ Jerem., xxvii, 2 e 3.

as quaes mandou aos reinos e reis confinantes, pelos seus embaixadores que residiam n'aquella côrte. Uma ao rei de Edom, outra ao rei de Moab, outra ao rei de Ammon, outra ao rei de Tyro, outra ao rei de Sidonia; porque todos no mesmo tempo haviam de ser captivos, como foram pelos exercitos dos Chaldeus. Pois se os sceptros e corôas não livraram do captiveiro a tantos reis, e depois de adorados dos seus vassallos, se viram escravos dos estranhos; estas voltas tão notaveis da roda da fortuna vos devem consolar também na vossa. Se isto succede aos leões e aos elephantes, que razão podem ter de se queixar as formigas? Se estes nascidos em palacios dourados, e embalados em berços de prata, se viram captivos e carregados de ferros: vós nascidos e creados nas brenhas da Ethiopia, consideraes as grandes razões que tendes, para vos compôr com a vossa fortuna, tanto mais leve, e levar com bom coração os descontos d'ella. O que haveis de fazer é consolar-vos muito com estes exemplos: soffrer com muita paciencia os trabalhos do vosso estado; dar muitas graças a Deus pela moderação do captiveiro a que vos trouxe; e sobretudo aproveitar-vos d'elle para trocar pela liberdade e felicidade da outra vida, que não passa, como esta, mas ha-de durar para sempre.

Este foi o documento dos escravos. E os senhores terão também alguma coisa que tirar d'este captiveiro de Babylonia? Parece que não. Eu (está dizendo cada um consigo), eu por graça de Deus sou branco e não preto; sou livre e não captivo; sou senhor e não escravo; antes tenho muitos. E aquelles que se viram captivos em Babylonia, eram pretos ou brancos? Eram captivos ou livres? Eram escravos ou senhores? Nem na côr, nem na liberdade, nem no senhorio, vos eram inferiores. Pois se elles se viram abatidos ao captiveiro sendo necessario para isso descer tantos degraus, vós que com a mudança de um pé vos podeis vêr no mesmo estado, por que não temeis o vosso perigo? Se sois moço, muitos annos tendes para poder experimentar esta mudança; e se velho, poucos bastam. Introduz Ma-

crobio¹ em um dialogo dois interlocutores, um chamado Pretextato, grande desprezador dos escravos, e outro que os defendia, chamado Evangelo. Este pois, que só uma lettra lhe faltava para Evangelho, disse assim a Pretextato: *Si cogitaveris tantumdem in utrosque licere fortunam; tam tu illum videre liberum potes, sicut ille te servum.* Se considerardes, ó Pretextato, que tanto poder tem a fortuna sobre os escravos, como sobre os livres; acharás que este que tu hoje vês escravo, amanhã o podes vêr livre: e que elle, que hoje te vê livre, amanhã te podes vêr escravo. E senão dize-me: de que idade era Hecuba, Cresso, e a mãe de Dario, e Diogenes, e Platão quando se viram captivos? *Nescis qua ætate Hecuba servire cepit, que Cressus, qua Darii mater, qua Diogenes, qua Plato ipse?*

Senhores, que hoje vos chamaes assim, consideraes que para passar da liberdade ao captiveiro, não é necessaria a transmigração de Babylonia, e que na vossa mesma terra podes succeder esta mudança, e que nenhuma ha no mundo que mais a mereça e esteja clamando por ella á Divina Justiça. Ouvi um pregão da mesma Justiça Divina por bocca do Evangelista S. João: *Si quis habet aurem, audiat: 1* quem tem ouvidos, e não é surdo aos ouvidos de Deus, oiça. E que ha-de ouvir? Poucas palavras, mas tremendas: *Qui in captivitatẽm duxerit, in captivitatẽm vadet: 2* todo aquelle que captivar, será captivo. Olhae para os dois pólos do Brazil, o do Norte, e o do Sul, e vêde se houve jámais Babylonia, nem Egypto no mundo, em que tantos milhares de captiveiros se fizessem, captivando-se os que fez livres a natureza sem mais direito que a violencia, nem mais causas que a cobiça, e vendendo-se por escravos. Um só homem livre captivaram os irmãos de Joseph, quando o venderam aos Ismaelitas para o Egypto: e em pena d'este só captiveiro, captivou Deus no mesmo Egypto a toda a geração

¹ Macrobr. eodem lib. 1.º.

² Apoc., XIII, 9.

e descendentes dos que o captivaram em numero de seiscentos mil, e por espaço de quatrocentos annos. Mas para que ir buscar os exemplos fóra de casa, e tão longe, se os temos em todas as nossas Conquistas? Pelos captiveiros da Africa captivou Deus a Mina, S. Thomé, Angola e Benguella: pelos captiveiros da Asia captivou Deus Maláca, Ceylão, Ormuz, Mascate, Cochim: pelos captiveiros da America captivou a Bahia, o Maranhão e debaixo do nome de Pernambuco quatrocentas leguas de costa por vinte e quatro annos. E porque os nossos captiveiros começaram onde começa a Africa, alli permittiu Deus a perda d'El-rei D. Sebastião, a que se seguiu o captiveiro de sessenta annos no mesmo reino.

Bem sei que alguns d'estes captiveiros são justos, os quaes só permittem as leis, e que taes se suppõem os que no Brazil se compram e vendem, não dos naturaes, senão dos trazidos de outras partes: mas que theologia há, ou podes haver que justifique a deshumanidade e sevicia dos exhorbitantes castigos com que os mesmos escravos são maltratados? Maltratados disse, mas é muito curta esta palavra para a significação do que encerra ou descobre. Tyrannizados devera dizer, ou martyrizados; porque ferem os miseraveis, pingados, lacrados, retalhados, salmourados, e os outros excessos maiores que calo, mais merecem nome de martyrios que de castigos. Pois estae certos que vos não deveis temer menos da injustiça d'estas oppressões, que dos mesmos captiveiros, quando são injustos: antes vos digo que mais vos deveis temer d'ellas, porque é muito mais o que Deus as sente. Emquanto os Egyptios sómente captivavam os filhos de Israel, dissimulou Deus com o captiveiro; mas finalmente não podes a Divina Justiça soffrer a sua mesma dissimulação: e depois das dez pragas com que foram açoitados os mesmos Egyptios, acabou de uma vez com elles, e os destruiu e assolou totalmente. E porque? O mesmo Deus o disse.

Vidi afflictionem populi mei in Egypto, et clamorem ejus audivi propter duritiam eorum, qui præsumunt operi-

bus. ¹ Vi, diz Deus, a afflicção do meu povo, e ouvi os seus clamores pela dureza das oppressões com que os carregam, e rigores com que os castigam, os que presidem ás obras em que trabalham. Notae duas coisas: a primeira, que se não queixa Deus de Pharaó, senão dos seus feitores: *Propter duritiam eorum, qui præsunt operibus*: porque os feitores muitas vezes são os que mais cruelmente opprimem os escravos. A segunda, que não dá por motivo da sua justiça o captiveiro, senão as oppressões e rigores com que sobre captivos os affligiam: *Vidi afflictionem populi mei*. E acrescenta o Senhor, que ouviu os seus clamores: *Et clamorem ejus audivi*: que é para mim um reparo de grande lastima, e para Deus deve ser uma circumstancia que grandemente provoque a sua ira. Estão açoitando cruelmente o miseravel escravo, e elle gritando a cada açoitado, Jesus, Maria, Jesus, Maria; sem bastar a reverencia d'estes dois nomes, para moverem á piedade um homem que se chama christão. E como queres que te oiçam na hora da morte estes dois Nomes, quando chamares por elles? Mas estes clamores que vós não ouvis, sabeí que Deus os ouve: e já que não têm valia para com o vosso coração, a terão sem duvida sem remedio para vosso castigo.

Oh como temo que o Oceano seja para vós Mar Vermelho, as vossas casas como a de Pharaó, e todo o Brazil como o Egypto! Ao ultimo castigo dos Egyptios precederam as pragas, e as pragas já as vemos tão repetidas umas sobre outras, e algumas tão novas e desusadas, quaes nunca se viram na clemencia d'este clima. Se ellas bastarem para nos abrandar os corações, razão teremos para esperar misericordia na emenda: mas se os corações, como o de Pharaó, se endurecerem mais, ainda mal, porque sobre ellas não póde faltar o ultimo castigo. Queira Deus que eu me engane n'este triste pensamento, que sempre aqui e na nossa côrte, os mais alegres são os mais aridos. Sabei, porém, que é certo (e

¹ Exod., III, 7.

fique-vos isto na memoria) que se Jeconias ¹ e seus irmãos creram a Jeremias, não seriam captivos: mas porque deram mais credito aos prophetas falsos que os adulavam, assim elle, como seus irmãos, todos acabaram no captiveiro de Babylonia: *Jechoniam, et fratres ejus in transmigracione Babylonis*.

¹ Jerem., xxxvii, 2 e 18.